

# Moacyr Scliar

## Escrevendo o futuro

**h**á algum tempo, vi um filme que me comoveu profundamente, sobretudo pelo título: *Jonas que Terá 21 Anos no Ano 2000*. Acontece que tenho um filho, e que também fará 21 anos no ano 2000. O que é mais do que uma coincidência, é um fato simbólico. Meu filho atingirá a maioridade na entrada de um novo século, de um novo milênio.

Meu filho está escrevendo o futuro, assim como eu agora escrevo o passado. Os meus textos, como todos os textos de ficção, obedecem à clássica fórmula do “era uma vez”. Uma fórmula que se aplica a minha própria trajetória.

□□□

Era uma vez um menino chamado Moacyr. Ele nasceu e se criou no bairro do Bom Fim, em Porto Alegre, um bairro de imigrantes judeus pobres vindos da Europa Oriental. E criou-se ouvindo histórias. Histórias que falavam da lírica miséria das aldeias judaicas da Rússia e da Polônia, mas que falavam também da esperança por esses mesmos imigrantes depositada num país chamado Brasil, do qual tinham aquilo que Sérgio Buarque de Holanda denominou “visão do paraíso”. Visão modesta, para dizer a verdade. Tudo o que esperavam era aqui viver em paz, sem medo de perseguições ou de campos de concentração. Esperavam alimentar seus filhos, educá-los, dar-lhes uma profissão.

As histórias que meus pais, e meus tios, e nossos parentes e amigos contavam constituiu-se na primeira matéria-prima de minha ficção. E os sonhos que me transmitiram continuaram vivos dentro de mim, agora ampliados pela revolta juvenil. Eu não queria só mudar de país, como meus pais. Eu não queria só saborear laranjas, ou bananas, como esperavam os imigrantes que chegavam ao Brasil. Não: eu queria mudar o mundo. E achava que tinha boas razões para isso. O que eu via era uma realidade profundamente injusta. Parte dessa injustiça sofri-a eu próprio, vítima de um preconceito que, embora disfarçado, era suficientemente intenso para me obrigar a tomar dolorosa consciência de minha condição de “estranho”. Mas eu via também ricos e pobres, obscena opulência ao lado de abjeta miséria – eu via o Brasil. Mergulhei profundamente nessa realidade quando, estudante de medicina, comeci a trabalhar nas vilas populares da Grande Porto Alegre. Daí à militância era só um passo. Minha geração viveu esse sonho, o sonho do comunismo. Para nós, a União Soviética era o modelo do mundo que queríamos criar – e Stalin era seu profeta. Pode-se ima-

ginar a desilusão que se foi apossando de nós, à medida que o comunismo soviético ia desmoronando.

E não foi, naturalmente, a única desilusão. Como profissional de saúde pública, aprendi o que é a frustração. Falta verbas. Falta organização. Falta conhecimento. Falta vontade política. “Falta” é a palavra que mais se ouve no cotidiano de um sanitarista brasileiro.

Mas, apesar disso, de algum modo, o sonho – o sonho de meus pais, o sonho que eles tinham herdado de muitas gerações, ficou vivo dentro de mim. Aprendi a me contentar com pouco. Um pequeno sucesso, aqui ou ali. Uma pequena, e agradável, surpresa, aqui e ali.

□□□

A ficção ajudou? Ajudou muito. O ficcionista vive num mundo em que ele tem controle, ao menos restrito, sobre seus personagens. Se a vida não me permitia o “era uma vez”, na ficção essa era a regra. As palavras foram para mim um grande consolo.

Como as ferramentas que meu pai, meus tios e meu avô – uma família de marceneiros – sabiam manejar e com a qual criavam alguma coisa: modestos móveis que ajudavam as pessoas a viver melhor. Na máquina de escrever ficou o meu passado.

□□□

Meu filho, que terá 21 anos no ano 2000, nunca usou uma máquina de escrever. Seu instrumento é o computador, que ele domina à perfeição – com uma perfeição que, devo dizer, me causa assombro. O computador é o dispositivo do futuro. Ele condiciona outro tipo de relacionamento, não apenas com o texto, mas com a realidade. Mas, eu espero que meu filho, que terá 21 anos no ano 2000, use o computador para ajudar a escrever a história de seu tempo. E espero que essa história fale menos de injustiça e mais de solidariedade; que fale menos de preconceito e mais de afeto; que fale menos de fome e mais de abundância. Estou usando um lugar-comum, ao dizer que espero um futuro melhor? Estou. Mas não me pejo de fazê-lo. Porque é próprio do ser humano esperar, ter confiança. A esperança e a confiança de algum modo se materializaram: mesmo neste confuso final do século 20, vivemos em um mundo melhor do que o dos nossos pais, dos nossos avós, dos nossos antepassados.

É muito bom fazer 21 anos no novo século. E é muito bom que o novo século tenha jovens completando 21 anos. Eles não esquecerão os sonhos do século 20. E – a sua maneira – farão deles realidade.

